



# TRABALHOS APROVADOS 2016

HOME » ENCONTROS » TRABALHOS APROVADOS 2016

## Ficha do Proponente

### Proponente

Cristian Borges (USP)

### Minicurrículo

Professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão e do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da USP, com auxílio à pesquisa da FAPESP. Doutor em Cinema e Audiovisual pela Universidade de Paris 3, fez pós-doutorado com bolsa FAPESP na NYU (2013-14) e Columbia University (2012), foi professor da UFF (2000-03) e professor convidado da Universidad Iberoamericana do México (2013). Cineasta e curador de mostras, é também vice-coordenador do LAICA e coeditor da revista Laika.

## Ficha do Trabalho

### Título

Corpos em transe: estudo sobre a lógica do fluido de Jean Epstein

### Seminário

Corpo, gesto, performance e mise en scène

### Resumo

Se as imagens, como os sons, produzem ecos, estes revelam corpos espectrais cujos rastros nos acompanham mesmo após a projeção. Esses corpos que se multiplicam, se atravessam e se espalham pelo fluxo espaço-temporal

respondem a um transe provocado não por uma intervenção psíquica ou espiritual, mas puramente imagética, dentro do que Epstein denominou lógica do fluido. Exploraremos essa noção à luz das pesquisas de Marey sobre os fluidos e do curta Retorno à rua Éolo (2013), de Maria Kourkouta.

## Resumo expandido

Jean Epstein, em *Bonjour Cinéma*, livro de 1921, já conjugava o sujeito do olhar e o objeto fugidio desse mesmo olhar ao elogiar a dança da paisagem, que ele considera eminentemente fotogênica, capturada através da janela de um trem, navio, avião ou automóvel em alta velocidade. Mas é somente num texto escrito nos anos 1940 e publicado postumamente, em 1975, que Epstein chegará a uma formulação perfeita para esse caráter intrinsecamente movente dos filmes: a lógica do fluido, contrária a toda uma tradição filosófica que teria, desde os gregos, privilegiado os ideais imutáveis (o elemento sólido, a dureza, a força, a constância) em detrimento da fragilidade, da suavidade, da instabilidade e da inconstância. Ele prossegue fazendo o elogio do cinema como a arte, a técnica e o espetáculo que teria, ainda mais que o desenvolvimento industrial e dos meios de transporte, libertado o imaginário humano de seu imobilismo e, por que não dizer, de seu conservadorismo atávicos. Assim, o cinema possuiria um espaço em movimento constante, provocado por deslocamentos mal definidos de espectros, cuja forma também é mutável, que se comportam como fluidos (Epstein, 1975).

Por outro lado, ao propor no mesmo texto uma lógica de tempo variável, Epstein afirma que somente o cinema consegue ralentar ou acelerar o mundo mantendo uma efetiva continuidade sensível e revelando maravilhas que o olho nu desconhece o que explicaria a profusão, inclusive em obras audiovisuais contemporâneas, da manipulação da velocidade da imagem a fim de se atingir efeitos de frenesi ou letargia impressionantes.

Étienne-Jules Marey, como parte de seu incansável trabalho com os métodos gráficos de registro do movimento, desenvolveu na fase final de sua carreira pesquisas sobre a dinâmica de fluidos, como o sangue, empenhando-se particularmente no estudo dos movimentos do ar, para o qual criaria uma espantosa máquina de fumaça (1899-1901). Trabalhando ao mesmo tempo com imagens de fluxo e fluxo de imagens, Marey joga com a beleza movente (que se faz e se desfaz), integrando à própria imagem aquilo que é fluido e mutável (Didi-Huberman, 2004).

Ao articular esses dois trabalhos tão diferentes e complexos de um lado, a noção teórica apenas esboçada por Epstein, de outro, a prática estético-científica de Marey, tentaremos compreender como a fluidez das imagens fílmicas afeta os corpos captados pela câmera, a partir da análise pontual de trechos do curta metragem da cineasta grega Maria Kourkouta, *Retorno à rua Éolo* (2013).

Entre cronofotografias animadas e *found footage* manipulado em computador, perceberemos que os corpos fantasmagóricos (no sentido de fantasmagoria, ou seja, a arte de se criar fantasmas numa sala escura com o auxílio de ilusões de óptica) do cinema, que se multiplicam, se atravessam e se espalham pelo fluxo espaço-temporal, ecoando a si próprios, respondem a uma espécie de transe provocado não por uma intervenção psíquica ou espiritual, mas puramente imagética.

## Bibliografia

AUMONT, Jacques (dir.). Jean Epstein: Cinéaste, poète, philosophe. Paris: Cinémathèque Française, 1998.

DE FONT-RÉAULX, Dominique; LEFEBVRE, Thierry; MANNONI, Laurent (dir.). EJ Marey: Actes du colloque de centenaire. Paris: Arcadia, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges; MANNONI, Laurent. *Mouvements de l'air: Etienne-Jules Marey, photographe des fluides*. Paris: Gallimard, 2004.

EPSTEIN, Jean. *Écrits sur le cinéma*. Tomos 1-2. Paris: Seghers, 1974-75.

GUIDO, Laurent; LUGON, Olivier (dir.). *Fixe/ Animé. Croisements de la photographie et du cinéma au XXe siècle*. Lausanne: l'Âge d'Homme, 2010.